

Salmo 133 – Como é agradável viverem juntos os irmãos

Psalm 133 – How pleasant it is for Brothers to Live Together

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a mensagem do Salmo 133 a partir de uma leitura espiritual do texto, que ressalta em seu conteúdo o agradável convívio entre irmãos. Como uma bem-aventurança, o salmo diz o que é importante na vida: viver de maneira afável como irmãos, pois isso dá mais sentido e beleza à nossa existência. A conclusão do salmo, no último versículo, ao mencionar a promessa de bênção e vida, evoca um elogio à união, estabelecendo uma relação entre esses elementos, caracterizados pelo relacionamento harmonioso entre irmãos, que traz a bênção de Deus, manifestada pela vida longa. Ressalta ainda o salmo que a vida só tem sentido se partilhada em um ambiente de irmãos, que gera amizade e mútua unidade.

Palavras-chave: Bênção. Vida fraterna. Óleo. Barba. Orvalho.

Abstract: This article aims to reflect the message of Psalm 133 from a spiritual reading of the text, which highlights in its content the pleasant coexistence between brothers. Like a beatitude, the psalm says what is important in life: living in an affable way as brothers, as this gives more meaning and beauty to our existence. The conclusion of the psalm in the last verse, where it mentions the promise of blessing and life, evokes praise for union, establishing a relationship between these elements, characterized by the harmonious relationship between brothers that brings God's blessing, manifested by long life. The psalm also emphasizes that life only has meaning if shared in an environment of brothers, which generates friendship and mutual unity.

Keywords: Blessing. Fraternal life. Oil. Beard. Dew.

* D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB é Doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Católica Argentina e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5192-4680> Contato: d.anselmo@corporativo.msbrj.org.br.

Introdução

O Salmo 133, atribuído a Davi, destaca-se por ser o único com uma ênfase horizontal, ou seja, uma atenção às outras pessoas. Quase todos os 150 salmos têm um foco vertical, conduzindo os pensamentos dos adoradores para cima, para dar honra e fazer súplicas a Deus. Davi era o segundo rei de Israel, uma nação recente, ainda desestruturada, com muitas dificuldades, dividida em muitas tribos e sujeita a ameaças. Ele precisava manter um discurso de unidade e esperança. Por muitos anos, Davi reinou apenas sobre uma parte das tribos, no sul do país. E depois de Salomão, Israel dividiu-se novamente entre o reino do norte e o reino do sul.

Este salmo normalmente era cantado quando os filhos de Israel estavam subindo para Jerusalém para adorar no templo, cerca de três vezes por ano, por ocasião das três grandes festas: a primeira é a Páscoa, celebrada junto à dos Ázimos; a segunda é a Festa das Colheitas, que, a partir do domínio grego, recebeu o nome de Pentecostes; e, finalmente, a Festa dos Tabernáculos ou Cabanas (Ex 23,14-17; 34,18-23).

Não é uma surpresa, então, que a primeira lembrança que passa pela memória do salmista, para ilustrar a comunhão, seja a figura do Sumo Sacerdote. Ele representa o povo de Israel no culto de adoração a Deus. A unidade e a comunhão dos irmãos, portanto, estão no fato de que, juntos, eles estão subindo para Jerusalém para se unir em adoração ao único Deus. Essa comunhão e unidade na verdadeira adoração do verdadeiro Deus sempre uniam o povo de Deus. Mesmo nas épocas quando Israel estava politicamente dividido, todos os verdadeiros israelitas sempre continuavam unidos no culto em Jerusalém.

Análise do texto

¹Oh, como é bom, como é agradável que os irmãos vivam em união.

Neste primeiro versículo, o salmista sugere “que os irmãos vivam em união”, um programa de convivência fraterna e construtiva, uma vez que a palavra “irmão” revela uma necessidade entre os homens. Os **irmãos** a que Davi se refere seriam, provavelmente, os habitantes de Israel, divididos em suas tribos e espalhados entre Hermon e Sião (limites de Israel), mas todos vivendo em união.

Este versículo inicial pode ser traduzido também da seguinte forma: “Veja! Como é bom e amável que os irmãos se sentem juntos”. A ideia do texto

hebraico é transmitir uma unidade concreta. Todos se sentam um ao lado do outro, ao mesmo tempo. Essa ideia torna-se clara com o uso da palavra יָחַד (yāhad – junto, ao mesmo tempo). Este versículo, que introduz o salmo, é um provérbio sapiencial e retrata a beleza e a unidade entre os irmãos. O salmista explica essa comunhão nos versos seguintes, usando dois elementos que devem ser ressaltados: o óleo da unção e o orvalho da região do monte Hermon.

Mas, em um primeiro momento do versículo, temos um convite do salmista para contemplar a bondade (o objetivo) e o agradável (o subjetivo) de habitar todos juntos como irmãos. O Livro do Deuteronômio estende o título de “irmão” a todo membro de comunidade religiosa ou civil. Dessas duas realidades, o salmo fala em planos diferentes. Para todos os casos, embora possa haver uma situação histórica, é importante que se torne urgente uma reflexão e exortação sobre a irmandade. “Irmãos” é um título cristão por excelência: “...ele não se envergonha de os chamar de irmãos...” (Hb 2,11).

No contexto linguístico, a palavra irmão vem do latim *germanus*, que quer dizer “verdadeiro”, mas também indica legitimidade, semelhança. Os termos “irmão” e “irmã” são palavras preciosas para o cristianismo. E, graças à experiência familiar, são palavras que todas as culturas e todas as épocas compreendem.

A temática envolvendo irmãos percorre todo o Antigo e Novo Testamento, a começar por Caim e Abel, passando por Ismael e Isaac, até Esaú e Jacó (Gn 27), e espelha-se, de um outro modo, de novo na relação dos onze filhos de Jacó no que se refere a José (Gn 37). Na história das eleições, domina uma notável dialética entre os dois irmãos, que permanece, no Antigo Testamento, como uma questão aberta. Pode-se ir até Jefté, expulso pelos seus meio-irmãos, e até Absalom e Amnon. Pode-se alargar o olhar para abraçar os dois reinos de Israel e Judá, irmãos divididos, ou para samaritanos e judeus no tempo de Neemias.

Jesus retomou essa temática numa nova hora da ação de Deus na história, imprimiu-lhe um novo rumo e contou a Parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32). Em São Mateus, encontra-se um texto semelhante: um declara que quer fazer a vontade do pai, mas não a realiza; o outro diz não à vontade do pai, mas depois se arrepende e realiza aquilo de que tinha sido encarregado (Mt 21,28-32). Também podemos lembrar dos amigos de Jesus, os irmãos Marta, Maria e Lázaro (Lc 10,38-42), que tinham o costume de receber periodicamente Jesus como hóspede na residência onde moravam e, conforme indicam as passagens bíblicas, viviam em unidade.

A questão é, então, colocada sobre uma situação histórica que torna mais urgente a reflexão e a exortação sobre a fraternidade. Sempre foi necessário inculcar o valor da irmandade, e esse é o contexto natural do salmo. No entanto, na fase de análise, pode ser útil distinguir dois níveis de significado: o da família, no sentido estrito e a nacional. Após uma exclamação inicial, que define o tom alegre da reflexão, o salmo propõe duas comparações paralelas: como óleo perfumado e como orvalho copioso (v. 3).

Sabemos que, quando a relação fraterna se arruína, quando se arruínam as relações entre irmãos, abre-se caminho para experiências dolorosas de conflito, traição, ódio. A passagem bíblica de Caim e Abel constitui o exemplo desse aspecto negativo. Depois do assassinato de Abel, Deus pergunta a Caim: “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9). É uma pergunta que o Senhor continua a repetir a cada geração. E, infelizmente, não cessa de se repetir também a dramática resposta de Caim: “Não sei. Sou talvez eu o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9b). Com sua pergunta, Deus coloca em questão a indiferença e nos faz pensar sobre a criação de uma cultura diferente, que nos conduza a superar as inimizades e a cuidar uns dos outros (Francisco PP, 2020, n. 57).

No Novo Testamento, ressoa de forma intensa o apelo ao amor fraterno: “Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,14). O evangelista São João também afirma: “Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre perigo de tropeçar. Mas quem tem ódio ao seu irmão está nas trevas” (1Jo 2,10-11). E ainda diz: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte” (1Jo 3,14). E volta a dizer: “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

São Paulo exortava os seus discípulos a ter caridade uns para com os outros “e para com todos” (1Ts 3,12) e o evangelista São João pedia que fossem bem recebidos os irmãos, “mesmo sendo estrangeiros” (3Jo 5). Com efeito, é o amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; amor que nos permite construir uma grande família na qual todos nós podemos sentir-nos em casa (...). Amor que sabe de compaixão e dignidade (ibid., n. 62).

Como de fato, o sinal por excelência deixado pelo Senhor é o da fraternidade vivida: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). É o sinal do nosso testemunho e da nossa origem divina, e é um testemunho para aqueles que desejam seguir Cristo, atraindo novos discípulos, a exemplo da comunidade primitiva: “Eram assíduos

em escutar o ensinamento dos Apóstolos e na união fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42), “e aumentava o número dos homens e das mulheres que acreditavam no Senhor” (At 5,14). Assim, pelo amor de Deus difundido em seus corações, graças ao Espírito Santo (Rm 5,5), a comunidade torna-se uma verdadeira família reunida em nome do Senhor (PC 15).

Durante a última ceia, Jesus confiou aos seus apóstolos o mandamento novo do amor mútuo: “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; como eu vos tenho amado, assim amai-vos também vós uns aos outros” (Jo 13,34; cf. 15,12). Jesus fala em um “novo mandamento”, mas a expressão “novo”, utilizada por Jesus, não significa que, até então, esse mandamento fosse desconhecido. O próprio Jesus tinha recordado que amar a Deus e ao próximo era o mandamento maior da Lei antiga (Mc 12,28-31). A novidade desse novo mandamento é que não se trata do antigo e conhecido mandamento que ordenava “amar ao próximo como a si mesmo” (Lv 19,18). O “novo” deste mandamento consiste exatamente no “como eu vos amei”. Nem a palavra amar nem o mandamento do amor são novos. Novo é amar **como** Jesus, amar em Jesus, por causa de sua palavra impressa em cada página do Evangelho (S. Agostinho, *Comentário sobre o Evangelho de São João*, in *Lecionário Monástico*, Rio de Janeiro, 2000, p. 384). Quem nos dá esse amor é o mesmo que diz: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34). Foi para isso que ele nos amou, para que nos amássemos mutuamente. Com esse novo mandamento Jesus, nos mostra que devemos amar da mesma maneira como Ele nos amou.

O verbo ἀγαπάω (agapaô), traduzido do grego como “amar”, utilizado no texto, define o amor como sinal de manifestação pelo outro até o extremo: o amor que não guarda nada para si, mas é entrega total e absoluta. O ponto de referência desse amor é o próprio Jesus como prescreve o complemento da frase: “como eu vos tenho amado”. Amar consiste em acolher, em pôr-se ao serviço dos outros, em dar-lhes dignidade e liberdade pelo amor, e isso sem limites. O amor, igual ao de Jesus, que os discípulos devem manifestar entre si, será visível para todos (Lc 23,35). Trata-se de um amor universal, capaz de transformar todas as circunstâncias negativas e todos os obstáculos em ocasiões para progredir ainda mais nesse amor (Bento PP XVI, 2005, n. 6).

A quebra do vínculo entre irmãos é algo doloroso para a humanidade. Também em família, quantos irmãos se desentendem, muitas vezes por algo insignificante. E não se pode romper a fraternidade (Francisco PP, 2015). Devemo-nos tornar irmãos sempre e habituar-nos a ver, no rosto humano

do próximo, como que um espelho do nosso, a ver ‘nós mesmos’ nos outros. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Não podemos esquecer as palavras ditas por Jesus a cada um de nós: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23,8).

O nome comum para designar cristãos era precisamente “irmãos”, tanto assim que São Paulo usa o termo “irmão” para indicar um cristão (1Cor 5,11). A doutrina é ressaltada em outros textos paulinos que condenam as querelas e discórdias “entre irmãos” (1Cor 1,11; 6,5). Mas não devemos esquecer que esse amor fraternal é um dom de Deus, como o orvalho que permeia: É a graça de Deus que faz os irmãos habitarem juntos. Santo Agostinho realça a importância da caridade como pedra preciosa, descoberta e comprada por aquele negociante do evangelho, que vendeu tudo o que tinha para adquirir aquela pérola preciosa (Mt 13,45-46). A caridade fraterna leva as pessoas até Deus, ao Espírito Santo, que deseja habitar em cada um de nós. Se, de fato, amarmos o irmão que vemos, poderemos ver Deus, porque veremos a própria caridade, e Deus habita na caridade pelo dom do Espírito Santo que mora em nós (Corbellini, 2020).

²É como um óleo suave derramado sobre a fronte, e que desce para a barba, a barba de Aarão, para correr em seguida até a orla de seu manto.

O versículo começa dizendo: “É como o óleo suave...”. Este é o óleo ou azeite usado para a santa unção, era um perfume composto segundo a arte do perfumista (Ex 30,22-33). A sua produção ocorria com a inclusão de alguns produtos aromáticos, como a mirra, uma espécie de resina odorífica e medicinal, produzida pelo bálsamo; canela aromática; árvore laurácea de casca odorífica, usada como especiaria; cálcamo, planta que exalava um doce cheiro (Ct 4,14), vinda de terras longínquas (Jr 6,20), da Arábia ou da Índia (Ez 27,19); cássia, casca aromática semelhante à canela, empregada em medicina, vinda da Arábia ou da Índia (Ez 27,19); e azeite de oliva, óleo extraído de azeitonas ou de outras frutas.

O óleo era utilizado na cerimônia de unção dos reis e sumos sacerdotes. Esses eram ungidos com um óleo especial, o qual era derramado sobre suas cabeças e, dessa forma, eram considerados “purificados” e “sagrados” para exercer suas funções. Os óleos vegetais são produtos de secreção das plantas, que se obtêm das sementes ou dos frutos dos vegetais. Podemos ver, então,

que não se trata de nova tecnologia: o óleo usado para unção sagrada era uma dessas espécies, porém muito especial.

Voltando ao salmo, pode-se notar que Davi relembra a unção de Aarão como o primeiro Sumo Sacerdote de Israel, aquele que selou o compromisso entre Deus e o povo de Israel, nação que Davi representava e defendia. O óleo precioso que ungiu Aarão foi derramado em sua cabeça e desceu pela sua barba, espalhando-se até as extremidades de sua roupa.

Trata-se de um óleo perfumado que, na descrição do salmista, espalha seu aroma enquanto escorre lentamente pelo cabelo e pela barba do sumo sacerdote, até o colarinho das vestes sacerdotais. A descida é também simbólica: da cabeça, desce ao pescoço, ao peito; ou seja, da cabeça e mediador, até chegar ao povo. Esse aroma é o óleo aromático da unção do sumo sacerdote. Óleo que funciona para ungir, tornar sagrados a tenda, a arca, o altar, o castiçal e os utensílios para adoração e, por isso, são guardados como um tesouro. Esse aroma, definido em sua origem, complexo e misterioso em seus componentes, é um contorno preciso. Entretanto, em uma família de irmãos unidos, é como entrar em uma floresta de eucaliptos ou pinheiros; o aroma envolve e penetra, é um prazer respirar. Não apenas o nariz sente, mas também os pulmões e todo o corpo. O óleo também traz a ideia de um sinal de hospitalidade, cordialidade, suavidade, alegria, comunicabilidade, sensação de prazer. Sobre o perfume, pode ser lembrado: “Perfume e incenso alegram o coração” (Pr 27,9).

O orante se diverte no aroma que se expande com o óleo, que desliza lentamente pelos cabelos e perpassa pela barba do sumo sacerdote até o pescoço dos ornamentos sacerdotais. Quando o Sumo Sacerdote era ungido, o óleo era derramado de sua cabeça até a borda de suas vestes (Lv 21,5). O aroma ainda está no Salmo 22,5, quando a cabeça é ungida com abundância e generosidade (Sl 22,5). O óleo desce até a borda da veste, uma imagem que expressa também fartura e alívio.

A imagem do óleo encontrou ressonância de novo no Novo Testamento, quando, em Betânia, Lázaro, Marta e Maria ofereceram uma ceia ao Mestre (Jo 12,1). Nesta narração evangélica, há um gesto significativo de Maria, que, “tomando uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com os cabelos” (Jo 12,3). Seu gesto é a expressão de fé e de amor para com Jesus. Para ela, não é suficiente lavar os pés do Mestre com água, então unge-os com uma grande porção de perfume precioso, que – como contestará Judas – se poderia ter vendido por trezentos denários; não ungiu a cabeça, como era costume, mas os pés: Maria oferece a Jesus o que tem de mais

precioso e com um gesto de devoção profunda. O amor não calcula, não mede, não olha despesas, não levanta barreiras, mas sabe doar com alegria, procura somente o bem do outro, vence a mesquinhez, a avareza, os ressentimentos e os fechamentos que o homem, por vezes, leva no seu coração.

Maria coloca-se aos pés de Jesus em atitude humilde de serviço, como fará o próprio Mestre na Última Ceia, quando lavou os pés dos apóstolos (Jo 13,4-5). E o perfume usado por Maria difunde-se: “a casa encheu-se com o cheiro do perfume” (Jo 12,3). O significado do gesto de Maria difunde-se entre todos os convidados: cada gesto de caridade e de devoção autêntica a Cristo não permanece um fato pessoal, não diz respeito somente à relação entre o indivíduo e o Senhor, mas é contagioso: infunde o amor, a alegria e a luz.

Voltando novamente ao salmo, vemos que o *óleo, escorrendo pela cabeça*, não parou na *barba*, mas continuou sua descida até a *borda da veste*. Os reis e os sacerdotes são ungidos com o óleo, que assim se torna sinal de dignidade e responsabilidade, e ainda da força que vem de Deus. Também no nome de “cristãos” está presente o mistério do óleo. Com efeito, a palavra “cristãos”, com que foram denominados os discípulos de Cristo já no início da Igreja formada a partir dos pagãos, deriva da palavra “Cristo” (At 11,20-21), tradução grega da palavra “Messias”, que significa “Ungido”. Ser cristão significa provir de Cristo, pertencer a Cristo, ao Ungido de Deus, Àquele a quem Deus entregou a realeza e o sacerdócio. Significa pertencer Àquele a quem Deus mesmo ungiu – não com um óleo material, mas com Aquele que é representado pelo óleo: com o seu Espírito Santo.

Enfim, os óleos aludem ao Horto das Oliveiras, onde Jesus aceitou interiormente a sua Paixão. Contudo, o Horto das Oliveiras é também o lugar de onde Jesus subiu ao Pai, tornando-se, assim, o lugar da Redenção: Deus não deixou Jesus na morte. Jesus vive para sempre junto do Pai e, por isso mesmo, é onipresente, está sempre junto de nós. Esse duplo mistério do Monte das Oliveiras também está “ativo” no óleo sacramental da Igreja. Em quatro sacramentos, o óleo é sinal da bondade de Deus que nos toca: no Batismo; na Confirmação, como sacramento do Espírito Santo; nos vários graus do Sacramento da Ordem; e, finalmente, na Unção dos Enfermos, na qual o óleo nos é oferecido, por assim dizer, como medicamento de Deus, como o medicamento que agora nos torna seguros da sua bondade a nos revigorar e consolar, mas que, ao mesmo tempo, aponta para além do momento da enfermidade, para a cura definitiva, a ressurreição (Tg 5,14). Assim, o óleo, em suas diversas formas, nos acompanha ao longo de toda a vida, desde o Batismo

até o momento em que nos preparamos para o encontro definitivo com Deus (Bento PP XVI, 2010).

Já na antiguidade, etimologias populares associaram a palavra grega “elaion” – óleo – com a palavra “eleos” – misericórdia. De fato, nos vários sacramentos, o óleo consagrado é sempre sinal da misericórdia de Deus. Por isso, a unção para o sacerdócio significa também a missão de levar a misericórdia de Deus aos homens. Na lâmpada da nossa vida, não deveria jamais faltar o óleo da misericórdia. E, no fundo, devemos seguir o exemplo das virgens prudentes, que não deixaram faltar óleo para as suas lâmpadas (Mt 25,1-13).

Através da história da pomba com o ramo de oliveira, que anunciava o fim do dilúvio e, desse modo, a nova paz de Deus com o mundo dos homens, tanto a pomba como o ramo de oliveira e o mesmo óleo tornaram-se símbolos da paz. Os cristãos dos primeiros séculos gostavam de ornamentar as tumbas dos seus defuntos com a coroa da vitória e o ramo de oliveira, símbolo da paz. Esse costume tinha o sentido de desejar a paz e a harmonia para as pessoas enlutadas. Tratava-se de um ato de consolo para os amigos e a família. A forma circular das coroas indica a infinitude, simbolizando que a memória de quem partiu permanecerá para sempre entre os amigos e familiares. Os primeiros cristãos sabiam que Cristo venceu a morte e que os seus defuntos repousavam na paz de Cristo. Eles mesmos sabiam que Cristo os esperava, que lhes tinha prometido a paz que o mundo não é capaz de dar. Lembravam-se de que a primeira palavra do Ressuscitado aos seus discípulos fora: “A paz esteja convosco!” (Jo 20,19). Cristo é a nossa paz. Portanto, os cristãos devem ser portadores de paz, reconhecendo e vivendo o mistério da Cruz como mistério da reconciliação (Bento PP XVI, 2010).

Também pertence ao simbolismo do óleo o fato de que este robustece para a luta: a luta contra o erro, contra o pecado, contra tudo o que nos separa do bem e da verdade, base e fundamento da paz. Na Igreja antiga, o óleo consagrado foi considerado como sinal da presença do Espírito Santo, que se comunica a nós a partir de Cristo. O Espírito é o óleo da alegria (cf. L. cit.).

Na cultura judaica, a **barba** era símbolo de beleza, dignidade e virilidade. Os pelos espalhados pelo rosto adornam a face do homem desde os mais remotos tempos. A barba não é apenas um símbolo de masculinidade, mas também da conduta e símbolo da austeridade moral.

Os israelitas a quem pertencia a Aarão evidenciaram especial estima pela barba, a ela conferiam forte merecimento, apreciável atributo do homem, que

externava, pela sua aparência, a própria dignidade. Tendo em vista o que ela representava, os israelitas demonstravam sinal de dor profunda ao raspá-la e eliminá-la do rosto.

A referência a Aarão no versículo אֲהֲרֹן ('ahărôn) indica, no hebraico, “aquele que traz luz”. Aarão era filho de Aarão e Joquebede (Ex 6,20) e irmão mais velho de Moisés e Miriã (Nm 26,59). Por ter sido o primeiro sumo sacerdote de Israel, originou-se dele a linhagem de Sumos Sacerdotes; ele possui peso próprio na tradição bíblica devido ao seu caráter de patriarca e fundador da classe sacerdotal dos judeus. Era descendente da tribo de Levi (Ex 6,16-20). Nasceu três anos antes de Moisés, no Egito (Ex 7,7). Servia como porta-voz de Moisés por ter o dom da palavra e por Moisés possuir problemas de dicção (Ex 4,16-17). Aarão morreu com cento e vinte e três anos de idade, no monte Hor, situado na região de Edom, (Nm 20,24-29).

A referência à **orla** de suas vestes indica a vestimenta do sumo sacerdote (Ex 28,1-29). Eram de especial significado litúrgico e ritualístico as **vestes** daqueles que tinham por missão exercer atos religiosos, como a unção, o sacrifício, o culto, e variavam em conformidade com os diversos ofícios religiosos à invocação da divindade.

O salmista faz referência à “orla” das vestes que ficava ao redor do pescoço do sacerdote, o que nos faz imaginar o óleo precioso e de perfume agradável sendo derramado da cabeça de Aarão até a borda de suas vestes. Com essa unção, Deus declarava que este homem estava sendo santificado para o serviço do Senhor. O Sumo Sacerdote tinha de dedicar todos os momentos do seu dia ao serviço do Senhor. Ele vivia respirando o ar do templo e estava completamente dedicado para o serviço de adoração. Em seu turbante estava escrito: “Santidade ao Senhor”. Trazia junto ao seu pescoço um peitoral com doze pedras preciosas. Em cada pedra estava escrito o nome de uma das tribos. No seu lado exterior foram colocadas, em três filas de quatro, doze pedras preciosas diferentes, cada uma com a inicial ou letras de cada tribo. Essas tribos eram como uma joia composta por diferentes pedras em unidade harmoniosa. Sobre ela desce o óleo da unção sacerdotal.

Assim, enquanto o Sumo Sacerdote estava oferecendo sacrifícios e dirigindo o culto de adoração no templo, ele sempre carregava perto do seu coração o povo de Deus. Deus mandou ungir o Sumo Sacerdote com óleo precioso desde a cabeça até os pés. Isso santifica o Sumo Sacerdote para se dedicar à adoração do Senhor. No dia da sua consagração como sacerdote,

o óleo sagrado era jorrado sobre a cabeça da pessoa a ser ungida, descia pela barba e escorria à orla de suas vestes.

Nós também fomos ungidos no dia do nosso Batismo e, para expressar o que acontece nesse dia, São Paulo usa explicitamente a imagem da veste: “Todos os que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo” (Gl 3,27). Eis o que se cumpre no Batismo: nós nos revestimos de Cristo, Ele nos doa as suas vestes. Isso significa que entramos numa comunhão existencial com Ele, que o seu e o nosso ser confluem, se compenetraram reciprocamente, como escreve São Paulo na Carta aos Gálatas: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,2).

Na carta aos Efésios, São Paulo também frisa: “despojai-vos do homem velho, no que diz respeito ao vosso passado... Revesti-vos do homem novo, criado em conformidade com Deus na justiça e na santidade...” (Ef 4,22s). Essa teologia do Batismo volta de maneira nova na ordenação sacerdotal. Como no Batismo é doado um “intercâmbio de vestes”, um intercâmbio do destino, uma nova comunhão existencial com Cristo, assim também no sacerdócio se tem um intercâmbio: na administração dos sacramentos, o sacerdote age e fala agora “in persona Christi”. Nos sagrados mistérios, ele não se representa a si mesmo e não fala expressando-se a si mesmo, mas fala por Cristo (cf. L. cit.).

A expressão “In persona Christi” indica o “já não sou eu” (Gl 2,2) do Batismo, que a ordenação sacerdotal nos dá de modo novo e, ao mesmo tempo, o fato de estarmos no altar, vestidos com os paramentos litúrgicos, deve tornar claramente visível aos presentes e a nós próprios que estamos ali “na pessoa do Outro”. As vestes sacerdotais, como se desenvolveram ao longo do tempo, são uma profunda expressão simbólica do que significa o sacerdócio e o sinal de sua consagração.

³É como o orvalho do Hermon, que desce sobre os montes de Sião; pois ali derrama o Senhor a vida e uma bênção eterna.

Em hebraico, o termo orvalho טל (tal) pode também ser traduzido por chuva fina, névoa noturna, garoa. Orvalho é um tipo de depósito de gotas de água resultantes da condensação do vapor na superfície de objetos que permanecem ao ar livre durante a noite. O orvalho forma-se nas noites claras, porque nelas as superfícies descobertas irradiam calor para a atmosfera. A maior parte dos objetos, inclusive folhas de capim e pétalas de flores, irradia calor melhor que o ar e, como resultado, fica durante a noite, mais frios.

O orvalho significa frescura e fecundidade. Um orvalho trazido da montanha mais alta e que desce sobre os montes de Sião, montanha escolhida por Deus, indica como deve ser a irmandade dos israelitas. Ali, no templo onde os irmãos estão unidos, o Senhor envia a sua bênção: bênção que é vida duradoura e frutífera. O amor fraterno é uma bênção que atrai bênções, é vida plena que se prolonga, é uma fragrância que se espalha, é orvalho que permeia.

Já o termo **הֶרְמוֹן** (Hermôn), em hebraico, significa sagrado, um santuário. Trata-se de uma montanha considerada sagrada pelos judeus e chamada pelos árabes de “montanha nevada”. Seu cume está sempre coberto de neve, o que gera um orvalho que literalmente “rega” toda a região ao seu redor, sendo, por isso, a região mais fértil de Israel.

É muito provável que o nome Hermon tenha se originado devido aos santuários consagrados a Baal, localizados ali desde os tempos anteriores ao Êxodo (Js 11,27). Baal-Hermon (Jz 3,3) e Baal-Gade (Js 13,5) eram lugares reputados como sagrados pelos habitantes originais de Canaã, e esses lugares ficavam próximos ao monte Hermon. O monte Hermon recebe outros nomes dentro do contexto bíblico: Em Dt 4,48 é chamado de Sion (**צִיּוֹן** – Siôn – elevado, imponente). Mas ao que nos parece, esse nome se refere apenas a uma parte da montanha do Hermon (Ct 4,8; 1Cr 5,23). Por fim, os sidônios o chamavam de Sîriom; **שִׁירְיֹן** (Sîryôn), que quer dizer peitoral (Dt 3,8,9). O Monte Hermon formava a fronteira norte de Israel, até onde chegaram as conquistas dos hebreus sobre os amorreus, sob a direção de Moisés e Josué (Dt 3,8-9; Js 11,3-17; 12,15, 13,5-11).

O Hermon está entre 2.800 e 3.000 metros acima do nível do mar, suas montanhas têm 32 km de comprimento e três picos, sendo que dois deles são os mais altos da Palestina, e nele se encontram as nascentes do rio Jordão. A neve nunca desaparece do cume durante o ano todo, causando orvalhos abundantes em tremendo contraste com a terra ressequida da região sul. O seu degelo é uma das principais fontes alimentadoras do rio Jordão. Outro fato interessante a respeito do Hermon é que sua proximidade de Cesareia de Filipe tem levado alguns estudiosos a sugerir que o Hermon é o “alto monte” da Transfiguração (Mt 17,1-9; Mc 9,2-9; Lc 9,28).

Hermon era então um monte importante, pois Israel era um país que dependia de chuva e de orvalho. Não tinha muitos rios nem outras fontes de água. Literalmente, dependia dos céus para ter água suficiente para viver. Em um país tão seco e tão dependente da água que vem do céu, o orvalho de Hermon representava uma enorme bênção. Ao redor de Hermon, a terra

podia ser frutífera, e a grama e as plantas podiam brotar graças ao orvalho pesado. Na terra de Israel, a chuva ou o orvalho podiam mudar um lugar seco e deserto em um lugar de flores e plantas.

O salmista usa essa ilustração para nos ensinar como o amor fraternal traz vida para o povo de Deus. Traz refrigério! Traz ânimo! Imagine que estamos em Jerusalém, rodeada pelos montes de Sião. É verão, e tudo é seco e quase não há verdura. Mas, depois de um dia quente, anoitece e começa um vento vindo do norte, que traz o ar frio e o orvalho refrescante do monte Hermon. Isso transmite alívio depois de um dia quente e seco. E, de manhã, vemos logo as consequências do orvalho: ao redor da cidade, a terra produz vegetação, o alimento necessário à vida.

O salmista compara esse feito ao amor fraternal. É refrigério num lugar seco. É vida em um lugar morto. Podemos encontrar o verdadeiro amor, quando estamos no meio dos nossos irmãos. Os relacionamentos secos e rasos do mundo não trazem satisfação.

Sião, na língua hebraica *צִיּוֹן* (tsiôn), significa “lugar escaldado”. No Sl 48,2, o monte Sião é identificado como “a alegria de toda a terra”. Ele está localizado na região oriental de Jerusalém, com aproximadamente 800 metros de altura. É muitas vezes identificado com a própria cidade de Jerusalém (2Rs 19,21; Sl 126,1; Is 1,8). Na antiguidade, essa região era povoada pelos Jebuseus, mas, quando Davi assumiu o controle político-militar de Israel, resolveu expulsá-los. Com o passar do tempo, Davi ordenou que a arca fosse levada para a cidade de Jerusalém (2Sm 6, 1Cr 15). Por esse motivo, o monte Sião pode ser identificado como o monte onde a cidade de Jerusalém está construída e passou a ser considerado monte santo pelos israelitas. Alguns anos depois, quando Salomão havia assumido o trono de Israel, a arca foi levada para o templo. Por isso, a cidade de Jerusalém passou a ser chamada de Sião. É um local santo, porque o Senhor o escolhera para ser sua morada; para todos, o monte seria um refúgio seguro e inabalável. Monte Sião também é o mesmo lugar em que Abraão ia sacrificar seu filho Isaac (2Cr 3,1 e Gn 22,2).

O orvalho que escorre de Hermon para os montes de Sião, como o Senhor ali mora, é então dele que escorre o orvalho abençoado, todas as suas complacências. Assim se expande o **orvalho**, tão celebrado na tradição literária de Israel por seu frescor e fecundidade. Um orvalho que enfatiza um milagre celestial, que apaga as divisões (Rm 12,19) e reúne Hermon, a montanha principal de Israel (ao norte), e Sião, a montanha de Judá (ao sul), em um orvalho divino que dá vida.

Esta bênção (בְּרָכָה – Berākāh) é uma palavra que deriva de “Berek”, que, por sua vez, significa joelho. Nota-se a relação entre uma e outra palavra, porque, sendo a bênção a invocação das graças de Deus sobre a pessoa que a recebe, deve ser colhida com humildade e unção, portanto, de joelhos em terra, com reverência e respeito.

Esta bênção também indica vida (חַיִּים – Hayîm), uma bênção que inclui todas as bênçãos. A bênção ordenada por Deus sobre aqueles que vivem em amor é vida para sempre, essa é a bênção das bênçãos. Os que vivem em amor não só moram em Deus, mas também já moram no céu. Da mesma maneira que a perfeição do amor é a bem-aventurança do céu, também o amor sincero é a mais intensa das bênçãos. Os que vivem em amor e paz devem ter o Deus de amor e de paz com eles agora, e eles logo devem estar com Deus, e para sempre, no mundo de amor e paz sem fim, e isto, como de fato, é agradável!

Por isso, este último versículo completa que é ali que o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre. O nome **Senhor** é constituído por quatro letras consoantes יהוה (Yhwh). Esse nome sagrado tem origem no verbo הָיָה (hâyā) e pode significar alguém que existe por si mesmo: “Eu sou o que sou” (Ex 3,14). Nos livros do Êxodo e do Deuteronômio consta o mandamento de não pronunciar o nome sacrossanto de Deus em vão (Ex 20,7 e Dt 5,12). Por se tratar de um nome impronunciável, os judeus adotaram epítetos para substituírem a pronúncia original do tetragrama. Quando os judeus se deparam com o tetragrama na leitura do texto hebraico sagrado, eles leem אֲדֹנָי (’ădônāy – Senhor)

A unidade dos irmãos é uma bênção. A concórdia é uma bênção que nasce de uma perspectiva antropocêntrica, pois Deus abençoa aqueles que a constroem. Nas narrações da criação (Gn 1-2), Deus abençoa continuamente a vida. Abençoa os animais (Gn 1,22), abençoa o homem e a mulher (Gn 1, 28), e, no final, abençoa o sábado, dia de descanso e de fruição de toda a criação (Gn 2,3). É Deus quem abençoa. Nas primeiras páginas da Bíblia há uma repetição contínua de bênçãos. Deus abençoa, mas também os homens abençoam, e depressa se descobre que a bênção possui uma força especial, que acompanha o destinatário ao longo da vida e dispõe o coração humano a deixar-se mudar por Deus (cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, 1965, n. 61).

Portanto, no início do mundo, é Deus que “bendiz”, que abençoa. Ele vê que cada obra de suas mãos é boa e bela e, quando chega ao homem e se cumpre a criação, Ele reconhece que é “muito boa” (Gn 1,31). Pouco tempo depois, aquela beleza que Deus imprimiu em sua obra será alterada, e o ser

humano tornar-se-á uma criatura degenerada, capaz de difundir o mal e a morte no mundo; mas nada poderá apagar a primeira marca de Deus, uma marca de bondade que Ele mesmo colocou no mundo, na natureza humana, em todos nós: a capacidade de abençoar e o fato de sermos abençoados. A esperança do mundo reside completamente na bênção de Deus.

Mas a grande bênção de Deus é Jesus Cristo, é o grande dom de Deus, o seu Filho. Ele é uma bênção para toda a humanidade, é uma bênção que nos salvou a todos. Ele é a Palavra eterna com a qual o Pai nos abençoou, “quando éramos ainda pecadores” (Rm 5,8). São Paulo proclama, com comoção, o desígnio de amor de Deus e diz: “Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo e nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dos seus olhos. No seu amor, destinou-nos para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por Ele no Amado” (Ef 1,3-6). Devemos ter consciência de que temos um coração abençoado, e isso deve gerar novas bênçãos e abençoar continuamente (Francisco PP, 2020).

Conclusão

Concluindo estas reflexões, tendo como base o Salmo 133, podemos ainda dizer que esse amor fraternal é tão precioso, tão importante que, sem ele, Deus nem aceita o culto do seu povo: “Se, pois, ao trazes ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e então, voltando, faz a tua oferta” (Mt 5,23)

Não é por acaso que o próprio Jesus falou: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos. Se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13,35). Não é por acaso que também o Apóstolo Paulo enfatiza que o primeiro fruto do Espírito Santo é amor (Gl 5,22).

Na Regra de São Bento, dois capítulos chamam a nossa atenção sobre o valor da vida comunitária. Em RB 1, temos: “Sabe-se que existem quatro classes de monges. A primeira é dos cenobitas, ou seja, aqueles que vivem em um mosteiro e militam sob uma regra e um abade. A segunda classe é a dos anacoretas, ou eremitas, que não são novatos no fervor da vida religiosa, mas, depois de uma longa provação no mosteiro, aprenderam a lutar contra o diabo, ensinados pela ajuda de muitos. Bem treinados nas fileiras de seus irmãos para

a luta, solitários no deserto, eles já se sentem seguros sem o conforto dos outros e são capazes de lutar apenas com a mão e o braço, com ajuda de Deus, contra os vícios da carne e o pensamento...”

E, no Capítulo 72, nos diz São Bento: “...há também um bom zelo que o separa dos vícios e leva Deus e à vida eterna. Então os monges praticam esse zelo com caridade mais ardente, isto é, “vá em frente para honrar um ao outro” (Rm 12,10); tolerar suas fraquezas com muita paciência, tanto moral quanto espiritual, obedecer uns aos outros; que ninguém olhe o que parece útil a si mesmo, mas para o que é útil ao outro; praticar a caridade fraterna; temer a Deus com amor.

São Bento preferiu estruturar a vida religiosa no mosteiro em sentido comunitário, embora achasse a vida dos monges anacoretas a mais perfeita. São Bento manifestou a sua preferência pela vida comum, pois nela o gênero mais estável e mais firme “fortissimum” dos monges os levava à união com Deus, amadurecidos nas virtudes com o auxílio dos irmãos (RB 72).

Os cenobitas são chamados a viver em comunidade, a exemplo da Igreja primitiva, em que a multidão era um só coração e uma só alma (At 4,32), alimentada da doutrina evangélica, pela Sagrada Liturgia, pela Eucaristia, pela perseverança na oração e pela comunhão de um mesmo espírito (At 2,42); carregando o fardo uns dos outros (Gl 6,2) e “tendo os mesmos sentimentos uns para com os outros” (Rm 12,16); “acolhei-vos, por isso, uns aos outros como Cristo vos acolheu” (Rm 15,7), “corrigi-vos uns aos outros” (Rm 15,14); “esperai uns pelos outros” (1Cor 11,33); “por meio da caridade estejais a serviço uns dos outros” (Gl 5,13); “confortai-vos mutuamente” (1Ts 5,11); “suportando-vos mutuamente com amor” (Ef 4,2); “sede, pelo contrário, benévolos uns para com os outros, misericordiosos, perdendo-vos mutuamente” (Ef 4,32); “sede submissos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5,21); “orai uns pelos outros” (Tg 5,16); “ revesti-vos todos de humildade uns para com os outros” (1Pd 5,5); “estejamos em comunhão uns com os outros” (1Jo 1,7); “não nos cansemos de fazer o bem a todos, sobretudo aos nossos irmãos na fé” (Gl 6,9-10).

São Paulo nos fala que a caridade é a plenitude da lei (Rm 13,10). A união entre os irmãos chega mesmo a manifestar o advento de Cristo (Jo 13,35; 17,21), e dela emana uma grande força apostólica. Todos no cumprimento do discipulado evangélico, devem empenhar-se para viver o “mandamento novo” do Senhor, amando uns aos outros como Ele nos amou (Jo 13,34). O amor levou Cristo a fazer-se dom até ao sacrifício supremo da Cruz. Também entre os seus discípulos não há unidade verdadeira sem esse amor recíproco e incondicional, que exige disponibilidade para o serviço recíproco, prontidão

no acolhimento do outro tal como é, sem “o julgar” (Mt 7,1-2), capacidade de perdoar inclusive “setenta vezes sete” (Mt 18,22). Para as pessoas consagradas, torna-se uma exigência interior colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, bem como também ideais apostólicos (S. João Paulo II, 1996, n. 42).

Segundo São Basílio, na vida em comunidade também se deve tornar, de algum modo, palpável que a comunhão fraterna, antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teológico onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado (S. Basílio Magno, q. 225: PG 31, 1231).

Isto verifica-se graças ao amor recíproco de quantos compõem a comunidade: um amor alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, purificado no sacramento da Reconciliação e sustentado pela invocação da unidade, especial dom do Espírito Santo (S. João Paulo II, 1996, n. 42). Na Carta aos Colossenses São Paulo afirma: “Acima de tudo, revesti-vos da caridade que é o vínculo da perfeição” (Cl 3,14).

Em sua carta aos Coríntios, São Paulo ressalta que o amor é superior a todos os dons extraordinários. O amor é maior do que o dom de língua. O amor é maior do que o dom de profecia e conhecimento. O amor é maior do que o dom de milagres. Sem amor, até as melhores obras de caridade ficam isentas de valor (1Cor 13,1-3).

Referências

BENTO PP XVI. *Carta Encíclica sobre o amor cristão “Deus caritas est”*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO PP XVI. *Homilia na Santa Missa Crismal*, 1º de abril de 2010. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 nov. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1987.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição sobre a sagrada liturgia “Sacrosanctum concilium”*. Petrópolis: Vozes, 1965.

CORBELLINI, V. *O Espírito Santo e o amor fraterno em Santo Agostinho*, 27/05/2020. Disponível em: cnbb.org.br. Acesso em: 10 nov. 2025.

FRANCISCO PP. *Audiência geral de 18 de fevereiro de 2015*. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 nov. 2025.

FRANCISCO PP. *Audiência Geral – A bênção, 2 de dezembro de 2020*. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10 nov. 2025.

FRANCISCO PP. *Carta Encíclica sobre a fraternidade e amizade social “Fratelli Tutti”*, São Paulo: Paulinas, 2020, n. 57

HARRIS, R. L-ARCHER, G. L. WALTKE B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1998.

HERIBAN, J. *Gerusalemme*, in *Dizionario Teminologico-Concettuale di Scienze Bibliche e Ausiliarie*. Roma, 2005.

KRAUS, H-J. *Los Salmos*. Salamanca, 1995.

LEGENDRE, A. *Jérusalem*, in *Dictionnaire de la Bible* [Tome III/2: J-K]. Paris, 1926, 1317-1396.

MANNATI, M. *Para rezar com os salmos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

MORLA ASENSIO, V. *Introdução ao Estudo da Bíblia: Livros Sapienciais e outros Escritos*. v. 5. São Paulo: AM Edições, 1997.

S. BASÍLIO MAGNO. *As Regras mais breves*, q. 225: PG 31,1231.

S. JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo “vita consecrata”*. Petrópolis, 1996.

S. JOÃO PAULO PP II. *Carta Apostólica sobre o início do novo milênio “Novo Millennio Ineunte”*. São Paulo, 2000.

SCHÖKEL, L. Alonso; CARNITI, C. *Salmos II: (salmos 73-150)*. São Paulo: Paulus, 1998.

WEISER, A. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

Artigo recebido em 14/10/2025 e aprovado para publicação em 05/11/2025

Como citar:

PAIVA, Anselmo Chagas de. Salmo 133 – Como é agradável viverem juntos os irmãos. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 15-32, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-1>